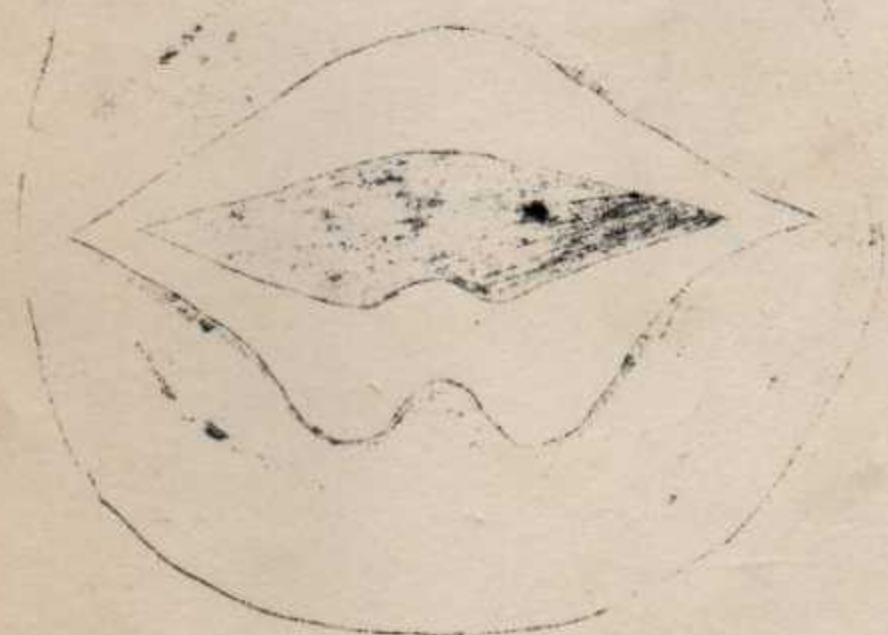


TWO DRIVE



L. Cilia.

CANÇAO FINAL CANÇAO DE SEMPRE .

(Poema de Manuel Alogro) .

Quando desembarcarmos no Rossio
Canção
Vao dizer que a rua não é um rio
Vao apressar o teu navio
Carregado de vento, carregado da paz .^d

Dizao que faznos tempestades
Dizeo que vons de espada em Fieste
E que foi sangue, sangue o vinho que pediste
Vao vestirte-te com gradões
Que é um vestido para todas as idades
Na Patria dos poetas em Rossio triste .^j

Virao em busca do teu sonho e do teu paz
E ha-o de exigir a nossa redinção
Quando desembarcarmos no Rossio
Mas, ou, Canção
Eu gritarei de pe na teu navio
"NAC" .

EXILIO

(Poema de Manuel Alegre)

Vengo a d' outros que no tenho medo
A verdade é mais forte que as cadenas
Vengo a deiros que no há destierro,
quando se traz a alma cheia de poemas .

Puede ser una isla o una prisión,
En cualquier lado estoy presente .
Tomo el navío de la canción
y voy derecho al corazón de la gente .

2-

Exilio

(Poema de Manuel Alegre)

Venho dizer-vos que nao tenho medo
A verdade é mais forte que as algemas
Venho dizer-vos que nao há degrado,
Quando se traz a alma cheia de poemas.

Pode ser uma ilha ou uma prisão
Em qualquer lado eu estou presente
Tomo o navio da canção
E vou direito ao coração de toda a gente.

MI PENA, ESPADA

(Poema de Manuel Alegre)

Dois países em um país
 Canto ao escravo ou ao senhor?
 Canto ao dolor que no se diz,
 canto ao dolor.

Minha pena por quem perderam
 Guitarras com que cantabam
 solta as aves que cresceram
 em las palavras

Rasga los silencios y canta
 vestida de tierra y luna
 Suelta al viento tu garganta,
 baja a la calle.

Minha pena, baioneta.
 Meu navio, azada
 Minha pena de poeta,
 espada.

Esta calle es tu país
 y a quien se sienta en el trono
 va a decir:
 los hombres no tienen dueño.

MINHA PENA, MINHA ESPADA

(Poema de Manuel Alegre)

Dois países num país
 Canto o escravo ou o senhor?
 Canto a dor que se nao diz
 Canto a dor.

Minha pena q quem prenderam
 Guitarras com que cantavas
 Solta as aves que cresceram
 Nas palavras.

Rasga os silencios e canta
 Vestida de terra e lua
 Solta o vento na garganta
 desce à rua.

Minha pena, baioneta
 Meu navio e minha azada
 Minha pena de poeta
 Minha espada.

Esta rua è teu País
 E a quem se sienta no trono,
 Vai e diz:
 Os homens nao têm dono.

PORTUGAL RESISTE .

Me quitaste el derecho a la vida, pero estoy vivo.
Me mandaste prender, pero estoy libre.
Que no pueda morir, no puede estar cautivo,
quien por la patria, u solo por ella, vive .

Vi los campos florecer mas no oí
muchachas cantar en nuestros cerros.
Nuestros frutos vi llegar y vi
en mi patria las garras extranjeras.

Vi viejos y niños sentados
en pedregales de tristeza, vi mi pueblo consternado.
Vi los campos desiertos, vi partir soldados
y sobre mi pueblo cuervos negros vi acechando .

Y tú que del país hiciste triste celda,
tu que te encierras en tu propio cautiverio,
tú sabrás que la patria no se vende
y en cada pecho en cada mirar, se enciende
este fuego, este viento, de luchar por ella .

Y no tendrás en tus manos de carcelero
el sol que mora en las canciones que cantamos
ni estas uvas prendidas en palabras.
Tú, que sirves las pretendiste o esclavas,
en silencios de muerte y de convento,
tú oirás en la lengua que escogiste
palabras como un fuego, como un viento,
estas palabras con que Portugal resiste .

4-

PORTUGAL RESISTE

(Poema de Manuel Alegre)

Tiraste-me o direito à vida, mas eu vivo
mandaste-me prender, mas eu sou livre
que não pode morrer, não pode ser cativo
quem pela Pátria vive e só por ela vive .

Vi os campos florir mas não ouvi
raparigas cantando em nossos cerros
nossos frutos eu vi levar e vi
na minha Pátria as garras estrangeiras.

Vi os velhos e os meninos assentados
nos degraus da tristeza vi meu povo cismando
vi os campos desertos, vi partir soldados
sobre o meu Povo negro cuervos vi pairando.

E tu que do País fizeste a triste cela
tu que te fuchas em teu próprio cativeiro
tu saberás que a Pátria não se vende
e em cada peito em cada olhar se acende
este fogo este vento de lutar por ela.

E não terás nas tuas mãos de carcereiro
o sol que mora nas canções que nós cantamos
nem estas uvas penduradas nas palavras
tu que, servias as pretendiste ou escravas
em silencios de morte e de convento
tu ouvirás na língua que tráfiste,
palavras como um fogo como um vento
estas palavras com que Portugal resiste.

ES PRECISO AVISAR A TODA LA GENTE

(poema de João Apolinário)

Es preciso avisar a la gente
 dar noticia, informar, prevenir
 que por cada flor estrangulada
 hay millones de simientes por abrir.

Es preciso avisar a la gente
 ocultar la palabra y la señ,
 engrosando la verdad corriente
 con una fuerza que nada la detenga.

Es preciso avisar a la gente
 lo que hay fuego en la floresta
 y que los muertos señalan enfrente
 el camino de esperanza que resta.

Es preciso avisar a la gente
 transmitir este morse de dolores
 Es preciso, imperioso y urgente,
 más flores, más flores, más flores

É preciso avisar toda a gente

(Poema de João Apolinário)

É preciso avisar toda a gente.
 Dar noticias, informar, prevenir
 Que por cada flor estrangulada
 Há milhões de sementes a florir.

É preciso avisar toda a gente
 Segredar a palavra e a senha
 Engrossando a verdade corrente
 Duma força que nada a detenha.

É preciso avisar toda a gente
 Que ha fogo no meio da floresta.
 É que os mortos apontam em frente.
 O caminho da esperança que resta.

É preciso avisar toda a gente
 Transmitir este morse de dores
 É preciso, imperioso e urgente
 Mais flores, mais flores, mais flores.

6 -
ME NIEGO
(Poema de Joao Apolinario)

Me niego a quedar reblandecido,
trágicamente cilindrado
y mucho antes de luchar - vencido
y mucho antes de morir - violado .

Me niego al silencio y la mordaza.
Seré independiente, libre, exacto.
La verdad es una fuerza que traspasa
la propia dimensión en que combato .

Me niego a servir a la violencia,
aunque mi voz de nada valga,
pero que me quede al menos la conciencia
de que intenté romper esta muralla .

Me niego a tener miedo, a entrar
en la concha de los poetas sin mensaje.
Que me quiten el cuerpo y el coraje
pero me quede esta voz para cantar .

RECUSO-ME

(Poema de Joao Apolinario)

Recuso-me a ficar amolecido
Trágicamente cilindrado
E muito antes de lutar - -vencido
E muito antes de morrer- -violado.

Recuso-me ao silencio e à mordaza
Serei independente livre e exacto
A verdade é uma força que ultrapassa
A propria dimensao em que combato.

Recuso-me a servir a violencia
Embora a minha voz de nada valha
Mas que me fique ao menos a consciencia
De que tentei romper esta muralha.

Recuso-me a ter medo e a estirolar
Na concha dos poetas sem mensagem
Que me leven o corpo e a coragem
Mas que me fique esta voz para cantar.

- 7 -
EL NIÑO NEGRO NO ENTRO EN LA RUEDA

(Poema de G. Bossa Victor)

El niño negro no entro en la rueda
de los niños blancos. La criaturas blancas
jugaban en una rueda viva
de canciones festivas, carcajadas francas.

Y llegó el viento junto a los niños
-- Y bailó con ellos y canto con ellos
las canciones y danzas de las suaves brisas,
las canciones y danzas de los fieros vientos.

Y el niño negro no entro en la rueda.

Pájaros en bandada volaban trinando
sobre las lindas cabecitas de los niños
y se posaron a su alrededor. Al fin,
bailaron sus vuelos y cantaron sus himnos.

Y el niño negro no entro en la rueda.

"Ven aquí verquita, ven aquí a jugar"
-- Dice uno de los niños con su aire feliz.
La mamá celosa luego le regañará
y el niño blanco no quiso, no quiso.

El niño negro no entro en la rueda
de los niños blancos. Desolado, absorto,
quedo solo, quieto, con mirar de ciego.
quedó solo, callado, con voz de muerto.

7-

O MENINO NEGRO NAO ENTROU NA RODA

(Poema de G. Bossa Victor)

O menino negro nao entrou na roda
Das crianças brancas. As crianças brancas
Que brincavam todas numa roda viva
De canções festivas, gargalhadas francas.

E chegou o vento junto das crianças
-- E bailou com elas e cantou com elas
As canções e danças das suaves brisas
As canções e danças das brutais procelas

E o menino negro nao entrou na roda

Pássaros em bando voaram chilreando
Sobre as cabecinhas lindas dos meninos
E pousaram todos em redor. Por fim
Bailaram seus voos, cantando seus himnos.

E o menino negro nao entrou na roda

"Venha cá protinho, venha cá brincar"
--- Disse um dos meninos com seu ar feliz
A mamá zelosa, logo fez repaso
O menino branco já nao nao quis, nao quis ...

O menino negro nao entrou na roda
Das crianças brancas. Desolado, absorto
Ficou só, parado, com olhar de cego,
Ficou só, calado, com voz de morto.

8- SOU BARCO (Poema de A. Borges Coelho)

Soy barco abandonado,
en la playa, al pie del mar
y los pensamientos son
como niños al jugar.

Hólo que salta bravo
y la ola verde oscura
se deshace en trigo
de roiva e amargura.

Digo al fragor de la muchadumbra,
siempre batiendo a fondo.
Escribo, leo, pienso,
paseo en este mundo
de seis pasos,
y al mar batiendo a fondo.

Ahora es todo azul
con barras conizientas
y luego es verde, verde
su blanco llamamiento.

Oh mar, que venga un día fuerte
por encima del areal
y los barcos abandonados
volverán a Portugal.

8
SOU BARCO

(Poema de A. Borges Coelho)

Sou barco abandonado
Na praia ao pé do mar
E os pensamentos são
Meninos a brincar.

É-lo que salta bravo
E a onda verde-escura
Desfaz-se em trigo
De roiva e amargura.

Ouço o fragor da vaga
Sempre a bater ao fundo.
Escrevo, leio, penso
Passeio neste mundo
De seis passos
E o mar a bater ao fundo.

Agora é todo azul
Com barras de cinzento
E logo é verde, verde
Seu brando chamamento.

Oh, Mar, venha a onda forte
Por cima de areal
E os barcos abandonados
Voltarão a Portugal.

POBRE MARTINHO

(Georges Brassens --- Trad. F. Morgado)

Com uma enxada aos ombros
Nos lábios um doce canto
E no peito grande coragem
Ele ia trabalhar no campo.

Pobre Martinho, Pobre miséria
Ele cava a terra sem descansar.

Para ganhar o pão diário,
Da aurora ao sol poente
A dura terra ele cavava
Por toda a parte, todo o tempo.

Sem ar maldoso ou ciumento
No seu rosto marca deixar
Ele ia para o campo alheio
Cavar sempre, sempre a cavar.

Quando veio o sinal da morte
Para cavar a última vez
As escondidas e depressa
A sua própria campa ele fez.

A sua própria campa ele fez
Depressa e sem ninguém notar
E deitou-se sem dizer nada
Para ninguém incomodar

Pobre Martinho, Pobre miséria
Dorme na terra, dorme para sempre.

POBRE MARTIN

(Georges Brassens)

Con una azada al hombro,
en los labios un dulce canto
y en el pecho un gran coraje,
va a trabajar al campo.

Pobre Martin, pobre miseria,
cava la tierra sin descansar.

Para ganar el pan diario,
de aurora al sol poniente
la dura tierra cava
por todas partes, siempre.

Sin aire malicioso,
su rostro marcado está,
se va para el campo ajeno
a cavar, siempre a cavar.

Al ver la señal de la muerte
quiso cavar por última vez
y a escondidas y deprisa,
su propia tumba se hizo.

Su propia tumba se hizo
de prisa y darlo a notar.
Se enterró sin decir nada
para a nadie molestar.

Pobre Martin, pobre miseria
duerme en la tierra,
duerme para siempre.

(Papiniño Carlos)

¿Qué rosa roja entre laurelos
 ha resucitado?
 De pie, compañeros,
 que los muertos están de pie a nuestro lado.
 Morados de hambre, angustia, sed y muerte
 en la soledad:
 Sólo nos importa
 la aurora que llevamos en el corazón
 que nos arranque la lengua, venas, ojos, nervos,
 la piel que reste.
 No es de sírves
 el relámpago espantoso que nos viste.

HERANÇA.

(Papiniño Carlos)

Que rosa vermelha entre loureiros
 há ressuscitado?
 A pé, companheiros,
 que os mortos estão de pé a nosso lado.
 Roxos de fome, angústia, sede e morte
 na solidão:
 nada nos importa
 senão a aurora que levamos no coração .
 que nos arranquem língua, veias, olhos, nervos,
 a pele que reste .
 Não é dos servos
 o relâmpago espantoso que nos veste !

CANTO DEL DESERTOR .

(Letra: Luis Cilia) .

Oh! mar ...
que besas a tierra,
di a mi madre
que no voy a la guerra .

Di, oh mar, a mi madre
que matar no me placo .
En el fondo quien no va a la guerra
es aquel que no lo hace .

Voy a cantar la libertad
para mi patria amada
y para mi Madre Negra y Triste,
que vive acorralada .

Pero la voz de nuestro pueblo
el día del enjuiciamiento
te dirá a tí, oh mar,
y dirá de viento a viento

quién son los traidores.
Si es quien nos roba el pan
o somos los desertores
que a la guerra decimos: NO .

CANTO DO DESERTOR
LA OLLA

Oh ! Mar....
Que beijás a terra
Diz a minha Mãe
Que nao vou para a guerra.

Diz oh! Mar à minha Mãe
Que matar nao me apraz
No fundo quem vai a guerra
É aquele que a nao faz.

Vou cantar a Liberdade
Para a minha Pátria amada
E para a Mãe Negra e Triste
Que vive acorrentada.

Mas a Voz do nosso Povo
No dia do julgamento
Te dirá a tí oh ! Mar
E dirá de vento a vento.

Quem sao os traidores
Se é quem nos rouba o pão
Ou se são os desertores
Que, a guerra dizem: " Nao".

BODA PAGANA

Francisco Delgado

Merdimos besos en los labios bien unidos,
 tuvimos fiesta en los ojos encontrados,
 supimos inventar nuevos gemidos
 desconocidos
 para otros enamorados.

Los bancos del jardín donde habitamos
 quedaron poblados solo de nidos.
 Conquistadores de sendas y caminos,
 el día de retamas que nos casamos,
 a la romería solos fuimos.

Para bailar quise os pandeiretas
 en el incendio de la sed
 pusimos fuego nuevo.
 En una boda pagana del pueblo
 y de poetas
 la cama fue de flores y brisa verde.

BODA PAGA

Francisco Delgado

Merçemos beijos nos lábios bem unidos,
 tivemos festa nos olhos encontrados,
 soubemos inventar novos gemidos
 desconhecidos
 dos outros namorados.

Os bancos de jardim onde habitámos
 ficaram povoados só de ninhos.
 Conquistadores de sendas e caminhos,
 no dia de giestas em que nos casamos
 a romaria fomos nós sózinhos.

Para dançar quisemos pandeiretas,
 no incêndio da sede
 pusemos fogo novo.
 Numa boda paga de povo
 e de poetas
 a cama foi de flores e brisa verde.

EPIGRAMA

Alfonso Duarte

Solo hay mar en mi País,
no hay tierra que dé pán.
Me mata de hambre
la dulce ilusión
de frutos como el sol.

Una ola, otra ola.
El ritmo de las olas me meció.
Solo hay mar en mi País
y es él quien habla
y es él quien soy.

EPIGRAMA

Alfonso Duarte.

Há só mar no meu País
Nao há terra que dê pao
Mata-me de fome
A doce ilusao
De frutos como o sol.

Uma onda outra onda
O ritmo das ondas me embalou.
Há só mar no meu País
E é ele quem diz
E é ele quem sou.

CRISTO

Filinto Elisio-Arr. L. Cilia

Cristo murió há mil y tantos años,
fue bajado de la cruz, luego enterrado;
mas de pedir no han cesado
para su sepulcro, los franciscanos.

Volvió Cristo a surgir entre los humanos,
subió de la tierra al cielo, allá está sentado
y a la salud del sepultado
no cesan de beber los franciscanos.

¿ Por qué das tú tantas limosnas
para alimentar la padrallada,
si tu hijo no va a la escuela
y en casa, para comer, no hay nada ?

¿ Por qué das tú tantas limosnas
para alimentar la frailería
que el padre con la puta se consuela
y gasta de noche lo que le das de día.

Y así, a costa de tu dinero,
ellos beben a la salud del eterno
pero yo me limpio el trasero
con las historias del cielo y el infierno.

CRISTO

Filinto Elisio- Arr. L. Cilia

Cristo morreu há mil e tantos anos
foi descido da cruz, logo enterrado;
mas de pedir, nao têm cessado
para o sepulcro dele os franciscanos.

Tornou Cristo a surgir entre os humanos
subiu da terra ao céu, lá está sentado
e á saúde dele sepultado
nao param de beber os franciscanos.

Para que lhes dás tu tanta esmola ?
para alimentar a pedralhada.
Se o teu filho nao vai a escola,
e em casa, para comer, nao há nada.

Para que lhes dás tu tanta esmola ?
Para alimentar a fradaria.
Que o padre com a puta se consola
gasta de noite o que lhe das de dia.

É assim à custa do teu dinheiro
que eles beben à saúde do Eterno.
Mas eu cá limpo o meu trasero
às historias do céu e do inferno.

DINERO

Filinto Elisio. Arr. L. Cilla

Nací---pronto a mis padres costó dinero
 el bautismo que Dios nos da de balde.
 Fui creciendo y allí estaba el limosnero
 en la iglesia donde iba a pedir gracia.

Quise casar con una moza---más dinero,
 me divertí con ella- no de balde
 que a los nueve meses me costó la gracia.
 Casamiento en la iglesia - más dinero.

Murió mi mujer- no le vi la gracia
 y menos gracia aún a la desgracia del dinero
 para el entierro, que el prior no va de balde
 y cobra más dinero que el sepulturero.

Si ser cristiano requiere tener dinero,
 ¿por qué dicen que la gracia es de balde
 los que la gracia nos venden por dinero ?

Y de tanto latín haberme dicho,
 lengua que caro me ha costado,
 no se extrañen que yo esté tan delgadito
 y el que vende ese latín tan bien cebado.

DINHEIRO

Filinto Elisio- Arr. L. Cilla

Fasci---lêgo a meus pais custou dinheiro
 O baptismo que Deus nos dá de graça.
 Fui crescendo e lá estava o malheiro
 Na igreja onde eu ia pedir graças.

Quis casar com uma moça---mais dinheiro
 Brinquêi com ela --- nao bringuei de graça
 Que aos nove meses me custou a graça,
 Casamento na igreja-- mais dinheiro.

Morreu minha mulher --- nao lhe achei graça
 E menos graça ao paio do dinheiro
 Para o enterro, que o prior nao vai de graça
 E pede mais dinheiro que o coveiro.

Se ser cristão requer sempre dinheiro
 Porque dizem que as graças são de graça
 Os que as graças nos vendem por dinheiro.

E de tanto latim me terem dito,
 Língua que caro me tem custado,
 Nao estranhem que eu esteja tao magrito
 E quem vende esse latim tao anafado.

Vengo de la tierra asombrada
 del vientre de mi madre.
 No pretendo robar nada
 ni hacer mal a nadie.
 Sólo quiero lo que me es debido
 por haberme traído aquí,
 que ni siquiera fui cido
 en el momento en que nací.

Traigo boca para comer
 y ojos para desear,
 con licencia quiero pasar,
 tengo prisa por vivir.
 con licencia, con licencia
 que la vida agua es a correr
 y vengo del fondo del tiempo,
 tiempo no tengo a perder.

Mi barca aparejada
 suelta velas rumbo al norte,
 mi asseo es pasaporte
 en la frontera cerrada.
 No hay viento que no aproveche
 ni mares que no convengan,
 ni fuerzas que me molesten,
 corrientes que la detengan.

Quiero a la naturaleza,
 que la naturaleza soy yo,
 y las fuerzas de la naturaleza
 nunca nadie las venció.
 Con licencia, con licencia,
 que la barca se hace al mar,
 no hay poder que me detenga
 y hasta muerto he de pasar.
 Con licencia, con licencia
 rumbo a la estrella polar.

Venho da terra assombrada
 do ventre da minha mãe
 nao pretendo roubar nada
 nem fazer mal a ninguém,
 So quero o que me é devido
 por me trazerem aqui
 que eu nem sequer fui ouvido
 no acto em que nasci.

Trago boca para comer
 e olhos para desejar,
 com licença quero passar
 tenho pressa de viver,
 Com licença, com licença
 que a vida é agua a correr
 venho do fundo do tempo
 nao tenho tempo a perder.

Minha barca aparelhada
 solta o pano rumbo ao norte
 meu desejo é pasaporte
 para a fronteira fechada.
 Nao ha ventos que nao prestem
 nem marés que nao convenham
 nem forças que me molestem
 correntes que a detenham.

Quero eu e a natureza
 que a natureza sou eu
 e as forças da natureza
 nunca ninguém as venceu.
 Com licença, com licença
 que a barca se fez ao mar
 nao ha poder que me vença
 mesmo morto hei-de passar.
 Com licença, com licença
 com rumo a estrela polar.

Si no fuese esta certeza
 que ni sé de donde viene,
 no comía no bebía,
 ni con nadie había de hablar.
 Me echaba en un rincón,
 el más oscuro que hubiese,
 las rodillas en la boca,
 viniese lo que viniese.

Si no fuesen los grandes ojos
 del ingenuo adolescente,
 la lluvia de penas blancas,
 cayéndole impertinente,
 quel incógnito rostro
 pintado en tonos de acuarela,
 que sueña en el frío apoyo
 del cristal de la vidriera.

Si no fuese la inmensa piedad
 de los hombres que no crecieron,
 que oyeron, vieron, oyeron,
 vieron y no percibieron,
 esas máscaras selectas,
 antología del espanto,
 flores sin tallo, fluctuando
 en el llanto del desencanto.

Si no fuese el hambre y la sed
 de esa humanidad exangüe,
 me mordería uñas y dedos
 hasta que brotara sangre.

Se nao fosse esta certeza
 que nem sei de onde me vem
 nao comia, nem bebia,
 nem falava com ninguém.
 Acocorava-me a um canto,
 no mais escuro que houvesse,
 punha os joelhos à boca
 e viesse o que viesse.

Nao fossem os olhos grandes
 do ingénuo adolescente,
 a chuva das penas brancas
 a cair impertinente,
 aquele incógnito rosto
 pintado em tons de aguarela,
 que sonha no frio encosto
 da vidraça da janela.

Nao fosse a imensa piedade
 dos homens que nao cresceram,
 que ouviram, viram, ouviram
 viram e nao perceberam,
 essas mascaras selectas,
 antologia do espanto,
 flores sem caule, flutuando
 no pranto do desencanto.

Se nao fosse a fome e a sede
 dessa humanidade exangue,
 roía as unhas e os dedos
 até os fazer em sangue.

TERNURA

David Mourao Ferreira

Aparto de tus hombros la sábana
hecha de ternura machacada,
de la frescura que viene después del sol,
cuando después del sol no viene nada.

Veo la ropa en el suelo— que tempestad
Hay restos de ternura en medio
como bultos perdidos en la ciudad
a donde la tempestad llegar vos.

Comienzas a vestirme lentamente
y de ternura también me voy vistiéndo
para enfrentarme fuera con la gente
que de nuestra ternura anda riendo.

Pero nadie sabe la prisa con que nosotros
la desnudamos en cuanto estamos solos.

TERNURA

David Mourao Ferreira

Desvio dos teus ombros o lençol,
Que é feito de ternura amarrada.
Da frescura que vem depois do sol,
Quando depois do sol nao vem mais nada.

Olho a roupa no chão—que tempestade.
Há restos de ternura pelo meio.
Como bultos perdidos na cidade,
Onde uma tempestade sobreveio.

Comogas a vestir-te lentamente
E é ternura também que vou vestindo,
Para enfrentar lá fora aquela gente
Que da nossa ternura anda sorrindo.

Mas ninguém sonha a pressa com que nós
A despimos assim que estamos sós.

LA BOLA

Jonas Negalha

Rueda
 sangrienta
 una bola
 por el llano
 de Angola.
 El día
 va alto,
 brilla
 el sol.
 En la polvareda
 incendiada
 juegan
 soldados
 el fútbol
 con la bola
 que corre sangrando
 por el llano
 de Angola.
 Nadie
 distingue
 en la bola,
 empapada
 de arena,
 empastada
 de hierba,
 que gira
 en el suelo,
 la cabeza
 de un negro
 sangrando,
 que rueda
 por el llano
 de Angola.

A BOLA

Jonas Negalha

Roda
 Sangrenta
 Uma bola
 No chão
 De Angola.
 O dia,
 Vai alto
 Brilha
 O sol
 Na Poeira
 Incendiada
 Soldados
 Jogam
 Futebol
 Com a bola
 Que pula
 Sangrando
 No chão
 De Angola.
 Ninguém
 Distingue
 Na bola
 Ensopada
 Na areia
 Empastada
 Na erva
 Que gira
 No solo
 A cabeça
 De um negro
 Sangrando
 Que rola
 No chão
 de Angola

LA ESTRELLA

Carlos de Oliveira

Por la tierra de los humanos,
por mis errores y mis daños,
por los clavos de los engaños,
por el embrujo de los años,

una estrella se perdió.

Para encender la candela,
para dorar el pan de la cena,
por las rejas de la celda,
por la luz de cada idea,
por la luz de cada idea,

ya en el cielo no aparece.

Por los sueños que sostengo,
por el peso de mi leño,
por la sombra de donde vengo,
por el amor que te tengo,

en tú pecho se metió.

Por la honra que persiste,
por todo lo que es pobre y triste,
por la alegría que existe,
por la luz con que sonreistes,

en tu rostro resplandecê.

A ESTRELA

Carlos de Oliveira

Pela terra dos humanos,
por meus erros e meus danos,
pelos cravos dos enganôs,
pelo bruxedo dos anos,

Uma estrela se perdeu.

Para acender a candeia,
para doirar o pao da ceia,
pelas grades da cadeia,
pela luz de cada ideia,
pela luz de cada ideia,

Já no céu nao aparece.

Pelos sonhos que sustenho,
pelos peso do meu lenho,
pela sombra donde venho,
pelo amor que te tenho,

No teu peito se meteu.

Pela honra que persiste,
por tudo o que é pobre e triste,
pela alegria que existe,
pela luz com que sorrreste,

No teu rosto resplandecê.

HAY LÁGRIMAS EN TUS OJOS

Carlos de Oliveira

Hay lágrimas en tus ojos
y oigo sin querer a mi pueblo llorar.
! Si tú supieras que cuanto me dices
es la sombra de lo que no me puedes dar !

Vengo apenas la muerte
cuando te amo.
Pero el miedo y la desgracia andan con nosotros
y si sufro, no es a ti a quien llamo.

Llorar por mí, por nosotros,
recuérdame la voz de ese proscrito antiguo :
! Muero, y toda tu grandeza,
Patria, viene conmigo !

HÁ LÁGRIMAS NOS TEUS OLHOS

Carlos de Oliveira.

Há lágrimas nos teus olhos
e oigo sem querer o meu povo chorar.
Souberesses tu que tudo o que me dizes
é a sombra do que me não podes dar !

Vengo apenas a morte
quando te amo.
Mas o medo e a desgraça andam connosco
e se soffro não é a ti que chamo.

Chora por mim, por nós,
lembra-me a voz desse proscrito antigo :
morro e toda a tua grandeza
Pátria, vem comigo !

EL HIJO

Fernando Pessoa

En la planicie abandonada
que la tibia brisa acaricia,
de belas traspasado,
-dos de lado a lado-
plage muerto y se enfria.

La sangre le raya el uniforme.
Con los brazos extendidos,
blanco, exangüe,
fija el mirar lánguido
y ciego en los cielos perdido.

! Ten joven! ! Que joven era!
(! Que edad tiene ahora?)
Hijo único, la madre le dio
un nombre y lo mantuvo:
" el hijo ".

Le cayó del bolsillo
la pequeña pitillera.
Se la dió su madre. Está entera
y buena, la pitillera.
De él quien ya no sirva.

De otro bolsillo, alada
punta rozando el suelo,
la blancura envainada
de un pañuelo....Se lo dió la criada
vieja que lo tuvo en brazos.

Allá lejos, casa, la súplica:
" ! Que vuelva pronto y bien! "
(! Redes que el imperio teje !)
Yace muerto, pudriéndose,
el hijo.

O MENINO DA SUA MAE .

(Fernando Pessoa)

No plaine abandonado
Que a morna brisa aquoco,
De belas traspasado
- Duas do lado a lado -
Jaz morto, o arrefoco ,

Rain-lho a farda o sangue.
De braços estendidos;
Alvo, lauro, oxangue,
Fita com olhar languo
E cego os céus perdidos .

Ten jovem! que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho unico, a mãe lhe deu.
Um nome e o manteve:
"O menino da sua mãe".

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dora-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já nao serve .

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura ombelhada
De um lenço... deu-lhe a criada
Velha que o trouxe ao colo .

Lá longe, em casa, há a proce :
"Que volte cedo e bom!"
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece , O menino da sua mãe
O menino da sua mãe .

EL MIRLO NEGRO LADRON .

(Popular del Alentejo)

El mirlo negro ladrón
toda la noche silbó
y al llegar la madrugada
batió sus alas, voló .

El mirlo negro ladrón
toda la noche pió, pió
y allá por la madrugada
batió sus alas , huyó .

O LADRÃO DE NEGRO MEIRO .

(Popular-Alentejo)

O ladrão do negro meiro
Toda a noite assobiou
Ao chegar a madrugada
Bateu as asas X voou .

O ladrão do negro meiro
Toda a noite rapiupiu
La por essa madrugada
Bateu as asas fugiu .

LA LUNA DE MEDIA NOCHE

(Popular de Douro-Litoral)

La luna de media noche
es mi enemigo.

!Ay!... Estoy a la puerta de quien amo

!Ay!... No puedo entrar contigo.

Esta noche a media noche
oi cantar y lloré.

!Ay!... Lloré mi libertad

!Ay!... Que tanmal la empleé.

La ausencia tiene una hija
que se llama soledad

!Ay!... Yo mantengo hija y madre

!Ay!... Bien contra mi voluntad.

O LUAR DA MEIA NOITE

(Popular-Douro Litoral)

O luar da meia noite

tu és o meu inimigo

Ai... estou à porta de quem amo

Ai... não posso entrar contigo.

Esta noite à meia noite

Ouvi cantar e chorei

Ai... chorei minha liberdade

Ai... que tao mal a empreguei.

Ausencia tem uma filha

Que se cham saudade

Ai... eu mantenho mãe e filha

Ai... bem contra a minha vontade.

POEMA A LA BOCA CERRADA

(José Saramago)

No diré
que el silencio me sofoca y ahordaza.
Callado estoy, callado seguiré,
porque la lengua que hablo es de otra raza.

Palabras mudas acumulan,
se detienen /cisterna de aguas muertas)
plácidas tristezas en lodos transformados,
fango del fondo donde hay raíces tuertas.

No diré,
que ni el mismo esfuerzo de decir las merecen,
palabras que no digan cuanto sé
en este silencio en que me desconocen.

Ni solo larvas se arrastran, ni sólo gusanos.
Ni solo animales muertos flotan quedos.
Lirios y rosas a los racimos se entrelazan
en el negro pozo por donde ascienden miedos.

Sólo diré, y
crispadamente, silencioso mudo,
que quien calla cuanto yo callé
no podrá morir sin decirlo todo.

POEMA A BOCA FECHADA

(José Saramago)

Não direi
Que o silêncio me sufoca e ahordaza
Callado estou, callado ficerei
Pois que a língua que falo é doutra raça .

Palavras recolhidas se acumulam
Se reparam (cisterna de águas mortas),
Acidas magoas em lodos transformados
Vaso do fundo em que ha raízes tortas .

Não direi
Que nem mesmo o esforço de as dizer merecem
Palavras que não digam quanto sei
Neste silêncio em que me não conhecem.

Nem só larvas se arrastam nem só vermes
Nem só animais mortos boiam, quedos.
Lírios e rosas nos cachos se entrelazam
No negro poço donde sobem medos.

Só direi
Crispadamente, silencioso e mudo
Que quem se calla quanto me calla
Não poderá morrer sem dizer tudo.

VENGAN LEYES

(José Saramago)

Vengan leyes y hombres de balanza
 mandamientos de este y otro mundo,
 vengan órdenes, decretos y venganzas,
 descienda en nos el juez en lo profundo.
 En todos los cruces de la ciudad
 brille la luz roja inquisidora,
 rayen al suelo los dientes de la vanidad
 y manden que los lavemos con escobas
 A cuantas manos existan pequen dedos
 para anuciar las fichas de los archivos,
 no respeten misterios ni respetos
 que es natural en los hombres ser esquivos.
 pengan libros de faltas en todas partes,
 relógios de marcar la hora exacta,
 no acepten ni quieran otra arte
 que la prosa del registro, el verso- acta
 Paso cuando nos judgen bien seguros,
 e reados de lastiones y fortalezas
 han de caer con estruendo los altos muros
 y llegaré el día de las sorpresas.

VENHAMLEIS (José Saramago)

venham leis e homens de balanças
 mandamentos daqui e dali mundo
 venham ordens decretos e vinganças
 caça en nós o juiz até ao fundo.
 Os cruzamentos todos da cidade
 a luz vermelha brilhe inquisidora
 rasquem no chão os dentes da vaidade
 mandem que os lavemos a vassoura.
 quantas mãos existam peçam dedos
 para sujar nas fichas dos arquivos
 não respeitem misterios nem segredos
 que é natural nos homens serem esquivos.
 venham livros de penta em toda a parte
 relógios a marcar a hora exacta
 não aceitem nem queiram outra arte
 que a prosa do registo o verso-acta.
 Mas quando nos julgarem bem seguros
 cercados de bastões e fortalezas
 vão-de ruir em estrondo os altos muros
 e chegaré o dia das surpresas.

CONTRACANTO

(Poema de José Saramago)

Aquí, lejos del sol, ¿que hare
sino cantar al aliento que me anima
como un placer cansado que adormece,
o conformarme, preso, con la ley?

Pero en este débil canto hay otra voz
que intenta librarse de la sordina
como rosa-cristal en honda mina,
o promesa de pan de las gravillas.

Otro sol más abierto me dará
en los acentos del canto otra armonía
y en la sombra diré que se anuncia
el mando de luz por donde va.

ii

CONTRACANTO

(Poema de José Saramago)

Aquí, longe de sol que mais farei
Senzo cantar o hafe que me aquece?
Como un prazor cansado que adormece
Ou preso conformado com a lei .

Mas neste débil canto ha outra voz
que tenta libertar-se da sordina
Como rosa-cristal em funda mina
Ou promessa do pao que vem das mós .

Outro sol mais aberto me dará
Nos acentos do canto outra harmonia,
E na sombra direi que se anuncia
A toalha de luz por onde vá .

HÁ DE HABER

(Poema de José Saramago)

Ha de haber um color por descobrir,
un unir de palabras escondido.
Ha de haber una llave para abrir
la puerta de este muro desmedido.

Ha de haber una isla más al sur,
una cuerda más tensa y resonante,
otro mar que nade en otro azul,
otro tono de voz que mejor cante.

Mi pobrepoesía que no llegas
a decir la mitad de lo que sabes,
recogida, no callas ni reniegas
de este cuerpo en que tal voz no cubres.

HÁ- DE HÁVER

(Poema de José Saramago)

HÁ- de haber uma cor por descobrir
Um junter de palavras escondido.
HÁ- de haver uma chave para abrir
A porta deste muro desmedido.

HÁ- de haver uma ilha mais ao sul
Uma corda mais tensa e ressonante
Outro mar que nade noutro azul
Outra altura de voz que melhor cante.

Miinha pobre poesia que não chogas
A dizer a metade do que sabes
Recolhida nas calas nem renogas
Este corpo de acoso em que não cubes.

(José Saramago)

De paisajes mentirosos,
de luna y de alboradas
de perfumes y de rosas,
de vértigo disfrazadas.

Que el poema se desnude
de tales ropas prestadas,
sea seco, sea rudo,
como piedras calcinadas.

Que no hable al corazón
ni de rosas delicadas
que diga no, cuando es no,
que no finja mascaradas.

De vergüenza su uncija
si limpias no tiene las monas
Para sus gritos escoja
los oídos más tapadas.

Y cuando hablen de mí,
con palabras amargadas
que el poema sea así,
puertas y cellos cerradas.

¡Ah! qué nostalgias del sí
en las plazas desoladas.

(Poema de José Saramago)

De paisagens mentirosas
De luar e alboradas
De perfumes e de rosas
De vertigens disfrazadas .

Que o poema se desnude
De tais ropas emprestadas
Seja seco, seja rudo
Como pedras calcinadas .

Que não fale ao coração
Nem de coisas delicadas
que diga não quando não
que não finja mascaradas .

De vergonha se recolha
Se as faces tiver molhadas
Para seus gritos escolha
As orelhas mais tapadas .

E quando falar de mim
Em palavras amargadas
Que o poema seja assim
Portas e ruas fechadas .

Ah! que saudades do sim
Nestas quadras desoladas .

ADIOS, TRIGO

(A. de la Silva Santos)

Adios trigo, ¡Ay! adios trigo
despues de segado, adios.
Tecultivo y no mastico
ni yo, ni yo ni los míos.

Campos color de sol poniente,
mi mar alto de aflicción.
Lo riego con el sudor del rostro
y a cambio me falta el pan.

Hay capos como mis ojos,
colmados de agua tantas veces:
Se fueron las espigas en manojos,
viene el hambre al campesino.

31-

ADEUS TRIGO

(A. de Silva Santos)

Adous trigo, ai adous trigo
Depois de cuifado, adous
Amanho-to a non mastigo
nem eu, nem eu nem os meus

Suoras cor de s l-pasto
Meu mar alto de afflicao
Encho-o com o suor do rosto
Em troca falta-me o poe

Ai campos como os meus olhos
Basos de agua tanta vez
Form-su espigas nos molhos
Vum fome para o campones.

Canción de una guerrilla patuleia (I)

1847

(Letra de U. Tavares Rodriguez)

¡Oh! Alentejo de los pobres,
reino de la desolación,
no sirvas a quien te desprecia
es tuya tu nación

No vayas a tierras ajenas
a buscar semillas de muerte
es en la tierra de tu pan
donde se juega tu suerte.

Tierra sangrienta de Sorpa,
tierra morosa de Moura,
villas de angustia en Bateo
delir profundo en Salcizao.

La hoz de tus segadores
Traiga en el pecho grabada
¡Oh! mi tierra herida,
como bandera soñada.

(I) Partido político que se organizó en Portugal en
1846.

MARGEN DERECHA

(Canción de una guerrilla patuleia en 1847)

(Letra: O. Tavares Rodriguez)

Oh! Alentejo dos pobres
Reino da desolação
Não sirvas quem te despreza
É tua a tua Nação .

Não vas a terras alheias
Lançar sementes de morte
É na terra do teu pão
Que se joga a tua sorte

Terra sangrenta de Sorpa
Terra morosa de Moura
Vilas de angustia em Bateo
Delir profundo em Salcizao .

A foice dos teus segadores
Traze no peito gravada
Oh! minha terra vermelha
Como bandeira sonhada .

CRICO REBELDE

(Poema de Miguel Torga)

Críco rebelde, canto como soy,
canto como un poseso,
que en la cascara del tiempo con navaja
grajase la furia de cada momento.
Canta, para ver si mi canto ~~grajase~~ comprómeto
la eternidad de mi sufrimiento.

Otros, felices, sean ruisñores.
Yo levanto la voz, así, en un desafío.
Que el cielo y la tierra, piedras conjugadas
del molino crucial que me tritura,
sepán que hay gritos como hay nortadas,
violencias hambrientas de ternura.

Bicho instintivo que adivina la muerte
en el cuerpo de un poeta que la recusa,
canto como quien usa
los versos en legítima defensa.
Canto sin preguntar a la musa
si el canto de terror o de belleza.

RENDIÇÃO

(Miguel Torga)

Vem, camarada, vem
Render-me neste sonho de beleza,
Vem olhar doutro modo a natureza,
E cantá-la também.

Ergue o teu coração como ninguém
Fala doutro luar doutra pureza,
Tens outra humanidade outra certeza,
Lava a chama da vida mais além.

Até onde podia caminhei
Vi a lama da terra qui pisai
E cobri-a de versos e de espanto.

Mas se o fecho é maior na tua mão,
Vem, camarada irmão,
Erguer sobre os meus versos, o teu canto.